



OBITUÁRIO

Hermínio Martins (1934-2015), por José Luís Garcia

Análise Social, 218, LI (1.º), 2016

ISSN ONLINE 2182-2999

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa Portugal — analise.social@ics.ul.pt





OBITUÁRIO

Hermínio Martins (1934-2015)

Hermínio Martins, de nome completo Hermínio Gomes Martins, nascido a 20 de junho de 1934, em Lourenço Marques, capital da então colónia portuguesa de Moçambique (atual Maputo), que veio a obter a licenciatura com distinção em Economia, especialização em Sociologia, na London School of Economics, para onde fora estudar em 1952, faleceu a 19 de agosto de 2015 acompanhado pela sua mulher Margaret Martins na sua casa de Oxford, cidade da prestigiada Universidade com o mesmo nome, onde foi docente durante 3 décadas, deixando uma obra publicada e muitos estudos, ensaios e textos dispersos em várias coletâneas, em inglês e português, bem como um acervo significativo de inéditos que está a ser recolhido, pela qual é uma figura singular e marcante das ciências sociais e do pensamento de Portugal e do Reino Unido.

Considerou-se até ao 25 de Abril de 1974 um exilado em Inglaterra devido à perseguição política movida pelo regime do Estado Novo e nunca foi estudante da universidade portuguesa; também nunca nela foi docente, mesmo após a instauração do regime democrático. Só após a sua jubilação da Universidade de Oxford, através de um convite do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-UL), se lhe abriu a possibilidade de ser Investigador Coordenador convidado dessa instituição académica e científica portuguesa. Não deixou, no entanto, de ter a oportunidade de orientar teses de doutoramento de vários investigadores portugueses, entre eles, em Oxford, Maria Filomena Mónica e Rui Ramos, e em Portugal o autor destas linhas. Em 1993, foi agraciado pelo presidente Mário Soares com a Ordem do Infante

D. Henrique; e em 2001 pelo presidente Jorge Sampaio com a Ordem de Sant'Iago da Espada do mérito cultural. Em 2006, por proposta do ICS-UL, impulsionada por Manuel Villaverde Cabral, a Universidade de Lisboa concedeu a Hermínio Martins um doutoramento *honoris causa*. Foi um praticante insigne do que pode ser designado como uma sociologia histórica e conceptualmente reflexiva que abrange os campos da teoria social, da temporalidade e da tecnologia enquanto eixo do projeto da modernidade, um estudioso da história contemporânea de Portugal, e ainda um autor de ensaios de filosofia da ciência, editados já postumamente no seu conjunto (Príncipe, 2015).

O seu pai, Aníbal Augusto Martins, tinha nascido em Lourenço Marques (1908-2002) e o seu avô paterno fora para Moçambique muito novo, em finais do século XIX. Por este ramo familiar, as duas gerações que o antecederam foram empregados do Caminho-de-Ferro de Moçambique, um relevante monopólio estatal da economia do período colonial. Pelo lado materno, a família era originária da zona fronteiriça entre Portugal e Espanha, no distrito da Guarda, Beira Alta. A sua mãe morreu muito cedo, em 1939, tendo sido criado por uma tia materna, Silvina Gomes Almeida. Viveu em Moçambique entre 1934 a 1951, com a exceção de um ano, em 1941-1942, quando acompanhou o pai e os tios maternos num ano de licença destes em Portugal. Frequentou, nessa altura, a escola primária na então designada “metrópole” e conheceu as terras de onde a sua família era oriunda, tendo também visitado as principais cidades do país. Fez os estudos liceais no antigo Liceu de Lourenço Marques (originalmente Liceu 5 de Outubro, depois Liceu Salazar e hoje Josina Machel), tendo sido companheiro de geração ou próximo dela dos filósofos Fernando Gil e José Gil, do cineasta Ruy Guerra, do escritor e ensaísta Eugénio Lisboa, dos poetas Rui Knopfli, João da Fonseca Amaral, Maria de Lurdes Cortez, dos investigadores em biomedicina Artur Geraldes e Hugo Lopes Davide, do arquiteto e urbanista José Cotta, e do oceanógrafo Gualter Soares, entre outros (mais jovem nesse contexto do Liceu de Lourenço Marques foi Otel Saraiva de Carvalho, militar destacado do golpe de 25 de Abril de 1974 e do processo revolucionário daí decorrente). Uma vez tendo concluído o antigo 7.º ano do liceu, apontado como mentor de um núcleo de opositores à ditadura e ao colonialismo, integrado por muitos dos nomes acima referidos, decidiu então estudar em Londres, com o modesto apoio financeiro do pai e de um tio. Não seguiu, pois, o padrão francófono de muitos exilados portugueses – França, Bélgica, Suíça. Nunca regressou a Moçambique e só por períodos curtos em cada ano residiu em Portugal, na sua casa de Carcavelos.

Após a licenciatura, na década de 1950, foi professor de universidades do Reino Unido durante sensivelmente quatro décadas. Começou no Departamento de Estudos Sociais da Universidade de Leeds, de seguida rumou à

Universidade de Essex e finalmente fixou-se, em 1971 e até 2001, na Universidade de Oxford e no St. Antony's College. Sempre sublinhou a importância para a sua formação dos professores que teve na LSE, em especial Karl Popper, Michael Oakshott e Ernest Gellner, e dos colegas da primeira escola onde lecionou, a Universidade de Leeds, em especial John Rex, Brian Wilson e Peter Nettl. Na Universidade de Essex, foi um dos fundadores do Departamento de Sociologia e teve a possibilidade de se ausentar por dois anos consecutivos para os EUA. Na Universidade de Harvard foi *visiting lecturer* e interagiu com Talcott Parsons, Seymour Martin Lipset, Robert Bellah, George Homans, Gerald Platt, Stanley Milgram e Gino Germani. Na Universidade da Pensilvânia, foi também *visiting lecturer*, tendo-se dedicado ao ensino da sociologia em vários domínios. Nesses primeiros tempos como professor universitário, no apogeu da Guerra Fria, apoiou a campanha para o desarmamento nuclear, um movimento político muito ativo na Inglaterra. Interessou-se pelo chamado marxismo ocidental e leu com atenção Gramsci, Bloch, Lukàcs, Adorno e Althusser e acompanhou a *New Left Review*, revista em que publicou um pequeno artigo sobre o fenómeno emergente das celebridades.

No seu período de Essex, publicou o conhecido ensaio sobre a revolução kuhniana (“The Kuhnian ‘revolution’ and its implications for Sociology”) e participou na formação do grupo que começou a publicar o *Sociology of Sciences Yearbook*, através do qual colaborou com o hoje já autor canónico da sociologia Norbert Elias, com quem organizou uma importante obra conjunta – *Scientific Establishments and Hierarchies* (1982). A problemática filosófica da ciência e da tecnologia emergiu como tópico para o seu trabalho com as lições de Popper na LSE, o convívio com os colegas do Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência, da Universidade de Leeds, e a amizade que forjou com o conhecido dissidente de Popper, Imre Lakatos. Entre 1968 e 1971, Hermínio Martins trabalhou sistematicamente sobre temas portugueses, tendo redigido quatro densos estudos, mais tarde reunidos em *Classe, Status e Poder e Outros Ensaios sobre o Portugal Contemporâneo*, livro que, em 1988, inaugurou as edições da Imprensa de Ciências Sociais. Foram ensaios escritos a pedido de Stuart Woolf, G. Ionesco, Salvador Giner, Margaret Archer e Juan Linz. Esses textos integraram coletâneas de grande prestígio que incluem autores europeus de referência. São artigos que denotam uma perspectiva comparativista entre a situação portuguesa e outros casos europeus, diferenciando-se dos que seguiam quer inclinações pautadas por variantes marxistas mais ou menos ortodoxas e pelo determinismo económico (a esse respeito, o recorte weberiano desses textos é bastante evidente), quer por entendimentos pouco complexos do fenómeno do autoritarismo e fascismo europeus.

Compreender a tendência e o rumo tecnológicos do mundo contemporâneo foi a temática a que Hermínio Martins se dedicou nas duas últimas décadas e meia da sua vida, a partir de uma abordagem interdisciplinar, crítica e sem seguir nenhuma das correntes predominantes de pensamento. Desse esforço são representativos capítulos da obra *Hegel, Texas e outros Ensaio de Teoria Social*, de 1996, e o seu principal trabalho publicado em livro, *Experimentum Humanum: Civilização Tecnológica e Condição Humana*, de 2011 (edição brasileira de 2012 acrescentada de mais dois capítulos). Muitos outros ensaios dispersos ou inéditos, como se disse anteriormente, estão a ser coligidos, os quais permitirão apresentar a verdadeira dimensão do seu empreendimento, incluindo longos estudos como “The metaphysics of information: the power and glory of machinewood” e, noutro âmbito, “Reflections on regime change in twentieth century Portugal”. Por ter escrito sobre o seu trabalho (Garcia, 2006, pp. 13-47), organizado eventos académicos em conjunto, editado livros e revistas (Martins e Garcia, 2003; 2006) e assinado artigos em co-autoria, é certamente melhor recuperar as palavras que, sobre Hermínio Martins, um colega de filosofia da Universidade de Lisboa, Viriato Soromenho Marques, escreveu aquando da edição de *Experimentum Humanum*, percebendo-o como um “filósofo da condição contemporânea”: “Hermínio Martins pode ser considerado como um dos pensadores mais profundos da crise ambiental. Tal como Ulrich Beck, surpreende a inevitabilidade da ‘sociedade de risco’, contida nas promessas do processo tecno-industrial que constituem a matriz da nossa modernidade. Contudo, vai mais longe do que Beck na compreensão da lógica interna, potencialmente demencial, que anima a modernidade. Com efeito, a tecnologia transformou-se numa espécie de estrutura transcendental da modernidade, um *a priori* do operar teórico/prático moderno” (Soromenho-Marques, 2012, p. 482).

Por relação a Portugal, a velha noção e semântica de “estrangeirado” pode seguramente ser a mais acertada para o situar no nosso contexto intelectual contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GARCIA, J. L. (2006), “Introdução: razão, tempo e tecnologia em Hermínio Martins”. In M. V. Cabral, J. L. Garcia e H. M. Jerónimo (orgs.), *Razão, Tempo e Tecnologia. Estudos em Homenagem a Hermínio Martins*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 13-47.
- MARTINS, H., GARCIA, J. L. (orgs.) (2003), *Dilemas da Civilização Tecnológica*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.
- MARTINS, H., GARCIA, J. L. (eds.) (2006), “Tecnologia: perspectivas críticas e culturais” [Número Especial], *Análise Social*, 181, XLI (4.º), pp. 941-956.
- PRÍNCIPE, J. (ed.) (2015), *Évora Studies in the Philosophy and History of Science*, Casal de Cambra, Caleidoscópio.
- SOROMENHO-MARQUES, V. (2012), “Hermínio Martins, pensador da crise contemporânea”. *Análise Social*, 203, XLVIII (2.º), pp. 479-482.

GARCIA, J. L. (2016), *Obituário* “Hermínio Martins (1934-2015)”. *Análise Social*, 218, LI (1.º), pp. 225-229.

José Luís Garcia » jlgarcia@ics.ulisboa.pt » Universidade de Lisboa, ICS-UL » Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9 — 1600-189, Lisboa, Portugal.
